

JOSÉ SAROMIAGO: A LITERATURA E O MOL

CARLOS NOGUEIRA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXII

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
I - <i>TERRA DO PECADO:</i> O «FATOR DEUS» NO PRIMEIRO SARAMAGO	25
II - <i>OS POEMAS POSSÍVEIS: O SER HUMANO,</i> <i>ESCRAVO DE DEUS E DE SI PRÓPRIO</i>	51
III - <i>DE O ANO DE 1993 A ALABARDAS: MALA MUNDI</i>	73
<i>O Ano de 1993: «é tempo dele ainda»</i>	73
<i>Levantado do Chão: «tudo isto são males, e grandes males»</i>	94
O interior da pedra em personagens de <i>Levantado do Chão</i>	115
A poética saramaguiana da morte, do sofrimento e da violência	149
<i>O Ano da Morte de Ricardo Reis:</i>	
a morte blanchotiana de Ricardo Reis e o mal político	170
<i>O Evangelho segundo Jesus Cristo, In Nomine Dei e Caim:</i>	
«diante da dor dos outros»	197
IV - <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA,</i> <i>ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ E ALABARDAS</i>	227
Mal banal, mal radical: o mal fora e dentro da pedra	227
<i>Ensaio sobre a Cegueira e Blindness: imago mundi</i>	275

V - JOSÉ SARAMAGO, GEORGE STEINER E MIGUEL REAL: «O MAL É»	287
VI - JOSÉ SARAMAGO COMUNISTA	
NA LITERATURA DE CORDEL BRASILEIRA	319
Medeiros Braga e Saramago: literatura e política; comunismo(s)	319
Materialismo histórico e idealismo em Saramago	340
«A Questão é a do Socialismo»	356
«Novo Capitalismo?»	364
<i>A Caverna</i> e «Os Animais Doidos de Cólera»:	
«Por uma nova habitação da Terra»	371
Ainda o comunismo de Saramago	382
A favor e contra o conceito de mal: o(s) eixo(s) do mal	386
«A espécie humana não é muito de fiar»	395
CONCLUSÃO	401
Obras citadas	407
Nota biográfica	415

INTRODUÇÃO

A obra de José Saramago (16/11/1922, Azinhaga, Portugal — 18/06/2010, Tías, Espanha) é uma das mais lidas e comentadas de toda a literatura portuguesa, e não exagero se disser (sobretudo para quem ainda não o saiba) que o autor de *Memorial do Convento* é um dos nomes maiores da literatura universal. Não faltam motivos para que assim seja, como espero deixar evidente ao longo deste ensaio. Em Portugal e não só, escreveu-se já um número avassalador de livros e artigos sobre os romances saramaguianos que mais têm atraído a crítica e os leitores. Também é verdade que as áreas menos conhecidas da produção deste escritor estão a ser cada vez mais lidas, debatidas e divulgadas. As crónicas, os diários, o teatro, a poesia, os textos jornalísticos e os depoimentos interessam não só a quem quer compreender mais integral e profundamente o Saramago romancista, mas também a quem procura matéria nova e apelativa para as suas investigações.

A repetição, o lugar-comum e a desistência a curto ou a médio prazo são riscos inevitáveis para quem decidir estudar uma obra com um sucesso crítico tão acentuado e uma força criativa e estética tão imponente. Desejar escrever um livro que proponha uma visão inovadora sobre um escritor como Saramago pode parecer uma ousadia ou o sinal de uma ingenuidade em que, em princípio, só deveriam incorrer os aprendizes de críticos literários e os candidatos

a cientistas sociais. Conto-me entre aqueles que não desistem de dialogar com uma escrita que alguns dos mais competentes e influentes exegetas internacionais não hesitam em qualificar como uma das melhores da literatura de todos os tempos.

Saramago não merece leituras arrevesadas ou banais, mas as grandes obras seduzem tantos leitores e tantos investigadores que essa é, digamos, uma inevitabilidade. Todavia, vale sempre a pena arriscarmo-nos a pensar e a escrever sobre os livros de José Saramago, mesmo sobre os mais glosados. É inegável que a devoção pela sua obra não deveria cair na devoração monótona e inconsequente em que a atividade crítica tantas vezes se transforma. Quando isso acontece, esperamos que pelo menos algumas dessas páginas e dessas paráfrases de paráfrases acrescentem algo de novo a um diálogo que deve ser ininterrupto. Para mais, benevolente como sempre foi com a crítica, Saramago nunca se importou muito com os comentários menos perspicazes à sua obra (não me estou a referir aos apontamentos maldosos vindos de quem nem sequer leu o livro *criticado*). O crítico ingénuo e menos preparado de hoje pode ser um grande crítico amanhã, tal como o romancista mediano de hoje pode vir a ser um escritor universal num futuro mais ou menos próximo. Por experiência própria, o autor de *Terra do Pecado* (1947) e de *Claraboia* (romance concluído em janeiro de 1953; publicado em 2011) sabia-o. Não se nasce necessariamente um bom crítico, nem um bom crítico se faz obrigatoriamente numa primeira obra criticada, apesar de continuar a haver, talvez mais do que nunca, em Portugal e no mundo, quem (se) julgue o contrário e se considere, a si e aos membros do seu círculo, imune aos erros de perspectiva, à palavra banal e ao barroquismo das ideias e da expressão.

Em livros de ensaio anteriores, em particular nos três últimos, *Nenhuma Palavra É Exata* (2016), *São Feitas de Palavras as*

Palavras (2017) e *Resposta a Italo Calvino* (2018), referi-me ao que entendo serem as virtudes e os vícios da crítica literária. Não me vou repetir neste limiar de mais um livro. Acredito tanto na boa crítica literária como abomino a má. Aquela faz-me querer continuar a ler, a pensar e a escrever; esta desanima-me e quase me derrota. A primeira é um diálogo entre o crítico e uma obra, a segunda é um monólogo ou nem isso, porque muitas vezes nem o crítico sabe minimamente do que está a falar. Sabe apenas estar a acumular palavras sobre palavras quase sem qualquer sentido e sem outra finalidade além da de dizer (ou proclamar) ter escrito qualquer coisa de sublime. Isso basta-lhe para consumo privado e para vaidade lançada a um círculo de amigos e conhecidos. Não é este o objetivo que me move quando escrevo sobre literatura, sobre «obras que se me impõem como mundos integrais, como representações e (re)construções da vida e do cosmos, como reflexos e ativos do (in)consciente individual e coletivo e da (des) construção da História e da Cultura» (Nogueira, 2018: 11). Na literatura saramaguiana e nos textos não literários que ela me induz a ler criticamente, «sinto-me mais como sujeito *da* História do que como sujeito *na* História, e é este sentimento (não arrogante) que me traz alguma pacificação enquanto sujeito à procura do seu lugar nos múltiplos caminhos da história da humanidade» (Nogueira, 2018: 12-13).

—

Toda a obra de José Saramago equaciona o problema da definição, das manifestações, das características e das causas do mal. Neste ensaio, proponho-me contribuir para a compreensão da problemática do mal em Saramago, antes de mais, mas também, apoiado na sua escrita, na ação individual e na prática social e política